

“É difícil ter saudades da pesca do bacalhau”

Festa dos Bacalhoeiros reuniu, em Ílhavo, cerca de 200 antigos pescadores, num dia repleto de histórias e memórias de uma vida muito dura

Salomé Filipe
locais@jn.pt

PASSADO “Andavas sempre a falar da vida do bacalhau. Pois podes acreditar que há de tudo, bom e mau”. Começa assim um dos muitos poemas que Manuel Gabriel, antigo pescador do bacalhau, dedicou aos nove anos em que andou pelos mares da Terra Nova (Canadá) e da Gronelândia (Dinamarca). Tempos duros que não esquece, mas dos quais garante não ter saudades.

Natural de Mira, Manuel Gabriel rumou a Ílhavo, ontem, para participar na terceira edição da Festa dos Bacalhoeiros. No total, foram cerca de 200 os antigos pescadores do bacalhau, oriundos de vários pontos do país, que participaram num evento marcado pelas histórias de cada um, que se misturaram na história de todos.

43 DIAS SEM TOMAR BANHO “Andei 40 anos no mar, nove deles na pesca do bacalhau. Era a mais dura, sem sombra de dúvidas. Tinha tudo mau, desde a alimentação – peixe cozinhado às quatro da manhã, para o comer à tarde – à disciplina rigorosa, ao dormir, ao descanso e à nossa higiene pessoal”, revela Manuel Gabriel, que confessa ter chegado a estar “43 dias sem tomar banho”.

“Quanto meti a mão ao pescoço, tinha mais piolhos do que cabelo. E não havia horas para dormir, enquanto houvesse peixe para pescar”, sublinha o autor de “Atrevimento de um pescador (e as horas de solidão)”.

SOPAS DE CAVALO CANSADO “É difícil ter saudades da pesca do bacalhau”, assume, igualmente, João Reboca, de 81 anos, natural



Luís Rosas, Agostinho Rosas e João Reboca reviveram ontem os anos 1960

da Gala, Figueira da Foz.

Em nove anos, João Reboca fez 16 viagens em bacalhoeiros, como ajudante de motorista. Deixou o bacalhau em 1964, mas, ontem, apesar de “não ter saudades”, gostou de recordar tempos idos. Juntamente com os amigos Agostinho Rosas, de 75 anos, e Luís Rosas, de 81, embarcou num dia de memórias, depois de terem tido conhecimento do encontro através da internet.

MAIS TRISTES QUE ALEGRES “Foram tempos demasiado duros. Também tínhamos dias alegres, mas havia muito mais dias tristes”, recorda Agostinho.

E quando começam a falar dos dias alegres, aí é que os três amigos destravam a língua. Recordam-se as cantorias, a camaradagem e, com um sorriso nos lábios, as “sopas de cavalo cansado” e o “champarrião”. “Sabe o que é? Vinho, cerveja, açúcar e canela”, conta João Reboca, como quem ainda lhe sente o travo na boca. ●

Sorrisos e abraços em reencontro inesperado

Timoneiro e enfermeiro não se viam há 40 anos

Leopoldo Oliveira, de 64 anos, e Dénis Lourenço, de 65, andaram juntos no mar há 40 anos. Fizeram apenas duas viagens juntos. Mas foi o suficiente para criarem uma “amizade para a vida”. Os abraços que ontem deram, no Cais dos Bacalhoeiros, quando se reencontraram sem

contar, foi comovente. “Oh, meu menino, estás tão lindo”, dizia Leopoldo a Dénis, com um sorriso espelhado na cara. “O nosso barco, o Navegante, era o melhor do Mundo. Éramos uma família. Tudo gente boa”, conta Leopoldo. Ele era timoneiro, Dénis enfermeiro. Apesar da proximidade geográfica – Leopoldo em Ílhavo e Dénis em Cantanhede – estavam distantes há 40 anos. Mas a amizade não esmoreceu. “Decidi há dois dias, casualmente, vir ao encontro. Foi também para ver se reencontrava alguém e reencontrei”, afirma Dénis, emocionado.



Alegria de Leopoldo e Dénis no Cais dos Bacalhoeiros



Efetivo de sete militares está no terreno desde junho

Exército abre caminho até ponte sem estrada

Intervenção em 1,5 quilómetros vai aproximar Montalegre e Chaves

ACESSIBILIDADES A ponte da Assureira começou a ser erguida para ligar os municípios de Montalegre e Chaves há quase uma década, mas nunca teve ligação a uma estrada. Durante anos, a infraestrutura ficou isolada no meio do nada, mas vai ganhar, finalmente, um acesso em terra batida. A solução foi encontrada pelo Município de Montalegre, que pediu a colaboração do Exército.

Desde junho, militares do Regimento de Engenharia n.º 3 estão a abrir caminho para melhorar o acesso de Montalegre à Autoestrada 24, em Chaves, e servir de alternativa à atual estrada. “Era uma obra que já devia estar feita há muito tempo, mas na altura os fundos comunitários só financiaram a ponte. Nunca tivemos apoios para terminar a estrada”, explicou o presidente da Câmara de Montalegre, Orlando Alves. Nos primeiros meses do próximo ano, estará concluída “uma ligação dos dois lados, que ficará totalmente transitável”.

Os trabalhos estão a ser desenvolvidos por um efetivo de sete militares. Fonte do Exército explicou ao JN que a sua missão inclui a colaboração “em tarefas relacionadas com a satisfação das necessidades básicas e a melhoria da qualidade de vida das populações”. “O

protocolo estabelecido visa a melhoria das condições de vida e bem-estar das populações através da construção uma plataforma para via de comunicação de ligação entre duas infraestruturas já existentes que liga os municípios de Montalegre e Chaves”, sublinhou a mesma fonte.

ALCATROAR

Orlando Alves sublinhou que pretende, assim que for possível, alcatroar a estrada.

Cabe à Câmara suportar os custos relativos à intervenção, alojamento e alimentação dos militares. Além dos recursos humanos, o Exército fornece os equipamentos de engenharia e viaturas de apoio. O troço rodoviário é composto por 1,5 quilómetros, dos quais 1300 metros são afetos ao concelho de Montalegre. A Câmara de Chaves também está a trabalhar numa solução idêntica para completar a intervenção. ● SANDRA BORGES

PONTE

450

mil euros foi o investimento feito na construção da ponte sobre o rio Assureira, cujas obras arrancaram em 2010 e concluídas três anos depois.